

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**MARIA JÚLIA MENDES BAUMERT**

**FUNDAÇÕES FILANTRÓPICAS E HEGEMONIA: OS IMPACTOS DA THE ASIA  
FOUNDATION NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E NA  
CONSTRUÇÃO CULTURAL COREANA PÓS-GUERRA DAS CORÉIAS.**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**SÃO PAULO**

**2022**

**MARIA JÚLIA MENDES BAUMERT**

**FUNDAÇÕES FILANTRÓPICAS E HEGEMONIA: OS IMPACTOS DA THE ASIA  
FOUNDATION NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E NA  
CONSTRUÇÃO CULTURAL COREANA PÓS-GUERRA DAS CORÉIAS.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência para aprovação em TCC II.**

**Orientador: Bruno Huberman**

**SÃO PAULO**

**2022**

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Carolina Alves Mendes, por estar ao meu lado e me dar completa liberdade em todas as decisões desde muito pequena, a ela que sempre foi minha inspiração profissional e que me educou para ser a mulher que sou hoje.

Ao meu pai, Frederico Baumert Barreto, que mesmo longe, me ensinou que a vida é muito mais do que o trabalho, mas que nunca deve se deixar sua educação em segundo plano.

Aos meus irmãos, Alice, Duda e Peu, que acompanharam toda minha trajetória e que hoje, juntos e graduados, comemoramos nossas conquistas.

Ao meu padrasto, Fernando Daltro, que sempre me impulsionou a seguir em frente.

Aos meus amigos, que em meio a dúvidas e correrias, sempre encontraram espaços para se fazerem presentes.

Aos meus professores da PUC-SP, e principalmente à Natália Melo, que me ensinou o que é a academia e me proporcionou aprendizados que para sempre guardarei em meu coração e em minha mente.

Aos meus avós, pelas risadas, alegrias, companhias e almoços. Por serem meu porto seguro quando embarquei nesta viagem de me mudar para São Paulo.

À Nina e a Helena, que me deram o suporte emocional necessário para concluir esse ciclo orgulhosa.

A todos que passaram por minha vida, que mesmo não presentes hoje, ajudaram a formar a pessoa que sou.

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou compreender os impactos das fundações filantrópicas de ação internacional na construção do projeto hegemônico estadunidense no globo e seus resultados na construção do conhecimento científico no “Terceiro Mundo”. A pesquisa perpassa os conceitos de hegemonia gramscianos e a interpretação internacional destes, feita por Cox, além de uma análise sobre a relação entre o governo americano e as fundações. Juntamente a isso, é analisado o papel da The Asia Foundation na construção de uma elite sul coreana aliada aos interesses americanos e adepta dos ideais da Teoria da Modernização. O estudo traz uma análise documental dos relatórios destas fundações a fim de demonstrar o seu papel no desenvolvimento científico e na construção de um sentimento nacional na Coréia do Sul, evidenciando como não se sustenta a aparente imparcialidade que as fundações filantrópicas difundem ter.

**Palavras-chave:** Fundações. Hegemonia. Filantropia. Coréia do Sul. The Asia Foundation.

## ABSTRACT

This research aimed to understand the impacts of philanthropic foundations of international action in the construction of the hegemonic American project in the globe and its results in the construction of scientific knowledge in the “Third World”. The research permeates the Gramscian concepts of hegemony and the international interpretation of these, made by Cox, in addition to an analysis of the relationship between the American government and foundations. Along with this, the role of The Asia Foundation in the construction of a South Korean elite allied with American interests and adept of the ideals of the Theory of Modernization is analyzed. The study brings a documentary analysis of the reports of these foundations to demonstrate their role in the scientific development and in the construction of a national feeling in South Korea, showing how the apparent impartiality that the philanthropic foundations spread cannot be sustained.

**Keywords:** Foundations. Hegemony. Philanthropy. South Korea. The Asia Foundation.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	4
2. Hegemonia .....	5
3. Sociedade hegemônica estadunidense .....	5
4. Fundações Filantrópicas, Nexos com o Aparato Estatal Americano a criação de Redes Internacionais .....	7
5. Os Estados Unidos e a Guerra Fria .....	11
6. Coréia do Sul e o Governo Americano .....	12
7. Atuação da Fundações na Coreia do Sul.....	17
8. Asia Foundation na Coreia do Sul .....	19
UNIÃO ESTUDANTIL – Revolução de Abril e Asian Foundation in Korea .....	23
Programas de Intercâmbio .....	25
Cultura como locomotora da modernização .....	26
9. CONCLUSÃO .....	29
REFERÊNCIAS.....	32

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende analisar os impactos das fundações filantrópicas de ação internacional na produção de conhecimento e na construção de projetos mundiais hegemônicos, para tal, será utilizado entendimento gramsciano de hegemonia, esta que é entendida como um processo de reabsorção da sociedade política pela civil, criando consensos entre elas. A partir disso, o estudo pretende expandir o conceito para o modelo internacional, a fim de fincar os Estados Unidos como uma potência de ação hegemônica, analisando a participação da sociedade civil e das fundações filantrópicas americanas no processo de expansão do projeto hegemônico estadunidense, bem como seu poder de influência dentro das elites nacionais e estrangeiras.

Junto a isso, se explorará o porquê destas fundações possuírem uma aparente independência para com o Estado americano, navegando o fazer político destas e sua conexão com o governo federal, a política externa e a sociedade civil, dentro dos padrões hegemônicos. A proposta é navegar a influência destas não só na cooptação de elites estrangeiras, mas bem como seu papel no fazer da política internacional e na disseminação do modelo de modernidade capitalista e a construção do projeto hegemônico dos Estados Unidos no pós Guerra Fria.

A Guerra Fria colocou um destaque nas relações entre as potências e o “Terceiro Mundo”. Se antes, as guerras eram pautadas em disputas militares, naquele período, o contexto ideológico das potências conflitantes se tornou foco das disputas. Com a prioridade dada aos modelos econômicos do período –o liberalismo estadunidense contra “comunismo” soviético –o sucesso das potências era medido entre a conquistas de áreas de influência e a adaptação dessas às suas ideologias. Por isso, o enfoque do trabalho foi voltado à Coréia do Sul e sua reconstrução no pós Guerra da Coréia, já que veio a se tornar um dos mais importantes e representativos eventos do período.

Para analisar o papel das fundações, foi escolhido o estudo de caso da atuação da Asia Foundation entre 1954 e 1964. O estudo traz luz a importância e influência na construção de uma Coréia do Sul aliada tanto a política externa estadunidense quanto ao seu modelo econômico, bem como os meios utilizados para garantir uma legitimação destas dentro da sociedade civil coreana, permitindo o financiamento de desenvolvimento, da construção de um sentimento nacional e cultural e da construção do conhecimento científico no país.

Também será analisado os entranhamentos das fundações com o Estado americano e sua sociedade civil dentro de uma perspectiva gramsciana de formação hegemônica, a fim de entender quais são os pontos chaves na cooptação estrangeira de modelos internacionais, sem retirar a razoável independência da academia e das instituições nacionais dos países *target*.

## **2. Hegemonia**

A conceptualização de hegemonia é crucial para o entendimento do trabalho. Aqui se utilizará o conceito gramsciano para o entendimento desta, para assim, prosseguirmos com o entendimento do porquê ela se torna relevante para a pesquisa.

Gramsci coloca a construção de uma hegemonia como um consenso e uma ação. O consenso é capaz de traduzir a movimentação da sociedade civil para construir o Estado; e a ação, é exercida através da superestrutura e dos novos aparelhos hegemônicos – como a imprensa, o sistema educacional e as fundações filantrópicas. Portanto, o entendimento é de que a hegemonia seria um processo de reabsorção da sociedade política pela sociedade civil. (SOBRAL, 2020, p.92). A hegemonia é, então, fruto da construção do consenso e do consentimento entre as grandes massas (políticas, econômicas, sociais), que é retroalimentado pela ação política ou pela ação da sociedade civil. (GRAMSCI, 2016, v. 3, C. 13, § 23, p. 60).

Posteriormente, será analisado como, dentro de um sistema internacional hegemônico, as crises de hegemonia se dão não da sociedade para com o Estado, mas para com os Estados e a potência hegemônica, mesmo que essas divergências possam surgir da sociedade civil. Para tal, a pesquisa se debruçará na bibliografia de Robert Cox, que também parte dos princípios gramscianos para seus estudos.

As ações das fundações filantrópicas entram nessa análise porque se tornam fins e meios para a hegemonia social e as forças políticas (PARMAR, 2012, p.8), principalmente, como será estudado, no contexto internacional.

## **3. Sociedade hegemônica estadunidense**

Os Estados Unidos são uma potência mundial, assim como já foi a França, a Inglaterra, Espanha, Portugal, Rússia, e como a China que ascende neste momento histórico; mas, o que difere o poder hegemônico dos EUA é a mobilização acentuada da sociedade civil para angariar consentimento sobre a sua liderança.

Gramsci, em seus estudos sobre hegemonia, observa o domínio da burguesia nos mecanismos hegemônicos da classe dominante. Fazendo isso, ele entende que não só os aparatos estatais ajudam a construir uma ordem hegemônica, mas também as estruturas da sociedade civil (escolas, mídia, igrejas). Isto porque, mesmo uma ordem estável necessita de legitimidade de governança, e essa legitimação só pode ser entregue pela sociedade civil, já que uma crise de autoridade poderia fazer com que a sociedade civil passe de uma “passividade política” para uma apresentação de reivindicações, que levariam a uma crise de hegemonia e possivelmente seu desmantelamento.

(GRAMSCI, 2016, p. 60). As escolas, a mídia, e a igreja, portanto, ajudam a disseminar a ideologia dominante, garantindo sua legitimação.

Gramsci pensou nisso em termos históricos concretos - a igreja, o sistema educacional, a imprensa, todas as instituições que ajudaram a criar nas pessoas certos modos de comportamento e expectativas consistentes com a ordem social hegemônica (COX, 1993, p. 51).

Aqui, propomos que Fundações Filantrópicas fazem parte dessa sociedade civil e utilizam de aparatos desta para efetivamente expandir e concretizar um projeto hegemônico. Para isso, utilizamos a obra “Foundations of the American Century” de Inderjeet Parmar (2012), que propõe que essas fundações se articulam com o Estado e representam os seus interesses, sendo que ambos respondem aos interesses da elite estadunidense. Dessa forma, elas se tornam o meio e o fim para uma hegemonia liberal, regida pelos interesses da elite estadunidense com alcance mundial.

Uma sociedade hegemônica, portanto, é aquela que une o aspecto pragmático do Estado, com o aparato da sociedade civil: “A hegemonia de uma classe dominante, assim, uniu as categorias convencionais de Estado e sociedade civil, categorias que retiveram uma certa utilidade analítica, mas deixaram de corresponder a entidades separáveis na realidade.” (COX, 1993 P. 51)

Certamente, entre o Estado e a sociedade civil há sim distinção, incluindo divergências partidárias e antagonismo entre grupos de poder – Democratas e Republicanos, esquerda e direita – que disputavam a prioridade dos investimentos – nacionais e internacionais (CHAVES, 2019). Entretanto, os ideais liberais hegemônicos estadunidenses se sobrepõem as divergências partidárias, estando intrinsicamente ligados ao que é a sociedade civil americana e, conseqüentemente, o Estado.

Argumenta-se aqui que essa acomodação entre posições ideológicas só acontece devido a hegemonia dentro da própria sociedade americana, e que se traduz no internacional. Porque, como é dito por Gramsci, as relações internacionais seguem os padrões da estrutura social doméstica, sendo as mudanças nas relações de poder ou no Sistema Internacional diretamente ligada às relações sociais.

As relações internacionais precedem ou seguem (logicamente) as relações sociais fundamentais? Não pode haver dúvida de que eles seguem. Qualquer inovação orgânica na estrutura social, através de suas expressões técnico-militares, modifica organicamente as relações absolutas e relativas também no campo internacional. (GRAMSCI, 1971, p. 176 Apud COX, 1993 p. 58)

Assim, chega-se ao que é hegemonia propriamente dito, a nível internacional. Robert Cox, que estuda o conceito gramsciano nas relações internacionais, bem como da Teoria Crítica em RI, elabora que:

A hegemonia no nível internacional não é, portanto, meramente uma ordem de estados monásticos. É uma ordem dentro de uma economia mundial com um modo de

produção dominante que penetra em todos os países e se liga a outros modos de produção subordinados. É também um complexo de relações sociais internacionais que conectam as classes sociais dos diferentes países. A hegemonia mundial pode ser descrita como uma estrutura social, uma estrutura econômica e uma estrutura política; e não pode ser simplesmente uma dessas coisas, mas deve ser todas as três. (COX, 1993, P.61)

Portanto, para um Estado conseguir exercer um projeto hegemônico internacional, ele primeiro necessita conquistar uma hegemonia doméstica que depois é externalizada. Deve incorporar as regras do sistema internacional que os beneficiem e facilitem a expansão de sua ordem mundial hegemônica, legitimando ideologicamente as normas dessa ordem, cooptando as elites dos países periféricos e absorvendo ideias contra hegemônicas (COX, 1993, p. 62).

Todas essas características podem ser (e serão ao longo da pesquisa) facilmente associadas aos Estados Unidos, mas mais importante ainda, será entender o papel das fundações filantrópicas na cooptação de elites internacionais e domésticas, que proporcionam a disseminação de ideias hegemônicas e a absorção de ideias contrárias.

#### **4. Fundações Filantrópicas, Nexos com o Aparato Estatal Americano a criação de Redes Internacionais**

As fundações filantrópicas se apresentam como um ator que “se comporta virtuosamente, não apenas por praticar a beneficência, mas também por portar as qualidades morais que o capacitam a agir sempre como uma espécie de ‘espectador imparcial’ sendo ‘todo aquele, [que] no exercício do poder, [é] capaz de distanciamento pessoal e desprendimento em relação à coisa pública” (CHAVES, 2019, p. 27). Aqui, se argumentará, entretanto, que as fundações filantrópicas não são um espectador parcial, como se propõem, mas sim atuam em articulação com o Estado americano, sendo a concretização de uma sociedade civil hegemônica, como já explicitado anteriormente, pretendendo criar laços de influência e expandir seu projeto hegemônico internacionalmente. Já que, de acordo com a análise de Parmar sobre Gramsci, “um dos poderes mais significativos das classes dominantes é a capacidade de estabelecer instituições privadas que se tornam fundamentais para o exercício do poder do Estado.” (PARMAR, 2012, p. 16)

A principal área de atuação das fundações que será estudada é a do financiamento a grupos e atividades intelectuais já que, a atuação dessas é vital para a expansão ideológica americana, principalmente no chamado “Terceiro Mundo” quando:

O papel das fundações dos Estados Unidos na modernização das nações do Terceiro Mundo tem sido motivado pela convicção de que “qualquer coisa menos do que sua [dos intelectuais] integração suave e completa nas

esferas econômica, política e cultural produzirá radicalismo – isto é, tentativas coletivas de acelerar, acelerar o ritmo retardado da modernização por meios políticos, por vezes de natureza violenta (PARMAR, 2012, p. 10)

A Fundação Ford, só no ano de 1954, investiu 511 mil dólares em programas internacionais, 30 mil em doações de “revistas americanas” para instituições educacionais estrangeiras, 94 mil em programas de intercâmbio, e 118,3 mil em publicações americanas em outros estados. (RELATÓRIO FORD, 1954). Além disso foram mais de 656.190 dólares em bolsas (“fellowships”) para estudos da Ásia e do Oriente.<sup>1</sup>

Esse financiamento vem da divisão de tarefas entre as fundações e o governo, que resultava em uma agenda compartilhada. Agenda compartilhada essa definida pelos processos hegemônicos que a sociedade civil americana desenvolveu. De acordo com Chaves,

A Fundação Ford julgava poder contribuir em duas áreas de interesse imediato do governo: propaganda, para esclarecer o público norte-americano e a comunidade internacional sobre a posição dos Estados Unidos contra o “totalitarismo soviético”; e inteligência, para suprir os operadores de política externa com informações oriundas de canais externos à diplomacia. Esperava-se, nessas duas frentes, apoiar governos e organizações impossibilitados de se apresentarem publicamente como aliados ou simpatizantes dos EUA (CHAVES, 2019, p. 45)

Esse entendimento de agenda compartilhada tem como base principal de sustentação o chamado “establishment” de assuntos exteriores. O *establishment* que atua nas relações exteriores dos Estados Unidos surgiu após a Segunda Guerra Mundial, na implementação da OTAN, do Plano Marshall e do próprio confronto com a União Soviética. O consenso estabelecido entre eles era de que era necessário se opor ao isolacionismo dos Estados Unidos e promover uma ordem internacional liberal. “Sua aspiração compartilhada era nada menos que “a liderança moral e política do mundo” – para preencher o vácuo deixado pelo Império Britânico”. (PARMAR, 2012, p. 17)

O *establishment* era composto por 3 grupos da elite, os advogados internacionais (que criaram o sistema que se perdura até hoje), os banqueiros (que originaram as grandes instituições financeiras internacionais) e, ao que tange a pesquisa, os intelectuais – que são os líderes das grandes fundações que aqui se estuda.

---

<sup>1</sup> Dada a correção da inflação os números aumentam consideravelmente. A fundação teria investido, com dados corrigidos para 2022, 5,628 milhões de dólares em programas internacionais, 330 mil em doações de “revistas americanas” para instituições educacionais estrangeiras, 1,035 milhão em programas de intercâmbio, e \$1,303.11 milhão em publicações americanas em outros estados, com mais investimento de mais de \$7,228 milhões dólares em bolsas (“fellowships”) para estudos da Ásia e do Oriente.

O modelo aplicado pelo *establishment* se repetiu na cooptação da sociedade civil a aceitar o papel internacional dos Estados Unidos. Parmar argumenta que as redes (networks) criadas pelas fundações com as bolsas, auxílios e difusão de publicações faziam o papel de construir e mobilizar a elite doméstica, ampliando a linha de suporte estadunidense, recrutando as elites a serem favoráveis a uma postura internacional de livre comércio, já que o país era conhecido pelo seu isolacionismo e não poderia reivindicar diretamente isso sem se propor a abrir seus negócios para o mercado internacional. As fundações funcionavam como meio e fim para constituir uma hegemonia. Assim, a conexão e a disseminação de ideias para os intelectuais emergentes era tanto um meio para acessar a elite – já que esses poderiam se tornar membros do próprio aparato estatal – mas bem como a legitimação dessas ideias na sociedade civil, sendo as fundações filantrópicas se tornavam, assim, vitais para o convencimento ideológico da sociedade americana.

A questão é que essas fundações têm caráter internacional e, portanto, utilizam desses meios de atuação para a conversão de elites estrangeiras. Na Argentina, por exemplo, um dos mais importantes investimentos da Fundação Ford foi no Di Tella Institute, de grande influência na comunidade científica, além do investimento na *Fundación Bariloche*, no *Centro de Estudios Urbanos y Regionales*, na *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales* e no *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Benedita Calandra*. Ambos os investimentos são focados na área de ciências sociais, principal foco da fundação Ford, já que, como será explorado posteriormente no relatório final, foi o meio para construir um conhecimento científico pautado em ideias liberais, principalmente focado na área econômica de modernização e desenvolvimento (FARIA; COSTA; 2006; p. 6).

No Chile, houve uma importante aliança da Fundação Ford com a Universidade Católica do Chile que propôs um modelo político alternativo ao da “Aliança pelo Progresso” – projeto político estadunidense durante o governo Kennedy. No relatório de 1965, a Ford propôs um investimento de 770 mil dólares para a Universidade do Chile, 1.075 milhões para a Universidade Católica do Chile e mais 1.5 milhões para a Universidade americana da Califórnia, para potencializar o programa de intercâmbio. Os movimentos estudantis acabaram por ser um dos principais atores na construção do Golpe sofrido no país em 1973 (HOMES, 2012), em conjunto com os intelectuais da Universidade Católica do Chile, financiados pela Fundação Ford que se uniram ao governo de Pinochet.

O resultado: os economistas formados na Universidade Católica, com outros chilenos de direita, desenvolveram um plano secreto em 1972 para uma estratégia econômica pós-golpe, apoiaram esmagadoramente o golpe militar, juntaram-se ao governo Pinochet e forneceram experiência tecnocrática para o brutal regime (PARMAR, 2012, p. 181).

Portanto, consegue-se enxergar o racional por trás da atuação dessas fundações. Em primeiro plano, elas iniciam algum tipo de inserção americana em países não facilmente alcançados pelo aparato estatal dos Estados Unidos, geralmente, por causa de opiniões antiamericanas ou por uma forte mobilização comunista, ou até pela legitimação interna do movimento dos não-alinhados e da teoria da independência. Assim, se cria um guarda-chuva de influência para que as ideias americanas sejam absorvidas, mas sem o peso de uma interferência estatal. Posteriormente elas podem ser utilizadas para conter o radicalismo, como explicado por Parmar (2012), sendo um meio menos combativo, violento e menos passível de sanções do que a transposição do exército em territórios nacionais. Portanto, passa-se a fazer uso dessas fundações para tentar conter ideias radicais, apresentando às elites saídas liberais para as questões enfrentadas, através de palestras, bolsas de estudos, redes em que os intelectuais estejam presentes, intercâmbios, entre outros.

Para garantir o benefício das transações americanas com os países desenvolvidos, era crucial que estes não se isolassem economicamente dentro do sistema e ficassem inseridos na zona de influência dos Estados Unidos. Diversas instituições foram criadas – como o Banco Mundial, a OMC e o FMI – visando moldar as transações internacionais em um modelo liberal em uma formação de consensos.

As agências intergovernamentais, especialmente o FMI e o Banco Mundial, tornaram-se um dos poucos centros de poder do bloco ocidental reconstituído preocupados em transformar a política de aplicar força ao Terceiro Mundo em uma política de construção de consenso. As agências intergovernamentais juntaram-se a algumas instituições privadas da sociedade civil internacional na luta ideológica contra as várias versões do keynesianismo global. (ENRICO AUGELLI AND CRAIG N. MURPHY, p. 135)

Internamente, também era necessário mudar a percepção dos países quanto a isso:

Redes de fundações são sistemas de manutenção de sistemas que, geralmente após um período suficiente de patrocínio de fundações, se autoperpetuam (como a maioria das organizações tenta fazer). Sua autoperpetuação torna-se um interesse investido dos principais constituintes das redes. As redes produzem estudiosos “legítimos” ligados a ideias e políticas “legítimas” endossadas ou pelo menos envolvidas com organizações “legítimas” como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Departamento de Estado dos EUA, entre outros. Eles ajudam a manter o status quo e, mais frequentemente, atuam como reformadores intrassistêmicos. (PARMAR, 2012, p. 15)

Esse consenso de uma política hegemonia liberal era crucial para a manutenção de zonas de influência e a expansão do poder estadunidense, principalmente do “Terceiro Mundo”. Neste período,

havia uma indicação de um possível radicalismo dessas nações, já que a América Latina estava tentando coordenar políticas externas entre si, motivada pela eclosão da teoria da dependência, junto ao início de uma insatisfação com a presença americana no continente, que acabou por gerar a maior ameaça aos Estados Unidos naquele momento: a Revolução Cubana. Enquanto isso, a Coréia do Sul também estava desanimada com o modelo liberal, já que seu vizinho do Norte teve uma recuperação econômica muito mais rápida no pós-Guerra das Coreias. Por isso, a disseminação de ideias liberais nesses estados era crucial para manter a ordem internacional dentro dos padrões liberais. Parnar chega até a considerar que essas fundações podem ser até mais influentes do que o próprio Estado.

No exterior, as fundações eram ativas na construção de redes e talvez ainda mais influentes, especialmente nas áreas de desenvolvimento político e econômico, na promoção da “modernização” capitalista. (PARMAR, 2012, p. 7)

As redes criadas por essas fundações podem ser vistas como espaços sociais construídos por essas elites filantrópicas que integram globalmente os grupos para disseminar um conjunto de ideias, práticas, orientações, hábitos de interações e hábitos intelectual-político, para desenvolver códigos culturais comuns. O prestígio social vinculado a esses espaços gera uma legitimação dessas ideias de forma coesiva. Dessa forma, as fundações são jogadores estratégicos no campo intelectual, que define o que é conhecimento legítimo ou não.

Portanto, a tarefa das fundações filantrópicas que era disseminar o “bem” se amplia, agora tendo que apoiar o Sistema ONU, dar suporte a recuperação econômica mundial, fortalecer países contra “as ameaças de agressão comunista” e transmitir avanços científicos e do progresso industrial dos EUA em áreas subdesenvolvidas. Essas tarefas, originalmente, eram do Departamento de Estado americano, entretanto, como foi explicado anteriormente, o Estado não tem capilaridade suficiente por sua parcialidade, e não conseguindo criar essas redes de forma a ser recebido tão bem pelas elites internacionais como as fundações filantrópicas o fazem. Havendo, por isso um compartilhamento de responsabilidade, que é identificado nos gastos dessas fundações em educação universitária estrangeira.

## **5. Os Estados Unidos e a Guerra Fria**

No século XX, a Guerra Fria muda a configuração da balança de poder e dos interesses das potências dentro do Sistema Internacional. Pode-se observar que a Europa deixa de ser o centro das disputas econômicas e que, dessa forma, outras relações se tornam prioritárias, principalmente com países do chamado “Terceiro Mundo”, já que se tornaram zonas de disputa entre as duas potências – de um lado, da influência do liberalismo estadunidense, de outro, da “ameaça comunista” soviética.

A partir de meados dos anos 1950 e ao longo da década de 1960, esses países também começam a ser posicionados de forma mais assertiva na política internacional. Em 1955, ocorre a Conferência de Bandung, em 1961, forma-se o Movimento dos Países Não-Alinhados e, nos próximos anos, há cada vez mais uma coesão e política concertada desses países no interior da Assembleia Geral da ONU. Nessa época os países latino-americanos criaram a teoria da dependência – que entendia que a construção do mundo subdesenvolvido estava a mercê da necessidade do mundo desenvolvido – o que incentivou ainda mais a cooperação entre economias emergentes. Nesse momento, fundações como a Ford se posicionaram para dismantlar esse “radicalismo” intelectual em favor de uma construção acadêmica mais “moderada”, ou mais liberal (HOLMES; 2013; p.5). Mais relevante ainda à pesquisa, há uma mudança no poder na esfera cultural e o destaque para as universidades (CHOMSKY, 1977, p. 171).

Com o fim da Segunda Guerra, os Estados Unidos necessitavam ampliar sua área de influência no “Terceiro Mundo”. Para isso, não bastava um controle militar e coercivo, mas sim um entranhamento amplo entre as zonas de influência para impedir formas de radicalismo. Para isso, os EUA criaram as chamadas “behavioral sciences”, ou melhor, ciências sociais (CHOMSKY, 1977, p. 174). Neste ponto que toca a pesquisa. O desenvolvimento americano das ciências sociais foi difundido no mundo na esfera cultural e universitária. O problema é que, nascida americana e nascida com um propósito de guerra, a ciência nunca seria imparcial, assim como não foram as fundações que as difundiram.

## **6. Coreia do Sul e o Governo Americano**

No auge da Guerra Fria, a Coreia do Sul se encontrava em um dos únicos conflitos armados do período: a Guerra da Coreia, motivada pela divisão arbitrária do país em 1945, na Conferência de Potsdam, quando finalmente se tornou independente do Japão. Cada extremo acima e abaixo do Paralelo 38 ficou sob a influência de alguma das potências da Guerra Fria. O conflito armado, que se estendeu de 1950 a 1953, objetivava alterar os perímetros das fronteiras acordados em Postdam e acabou por se tornar um dos poucos conflitos armados do período. Sem guerras diretas entre as grandes potências, cada uma enviava militares para apoiar os exércitos nacionais: os Estados Unidos, o Sul e a União Soviética, o Norte. Posteriormente a esse conflito, havia um interesse americano tanto em manter a Coreia do Sul como sua zona de influência, como torná-la uma propaganda da superioridade do sistema capitalista, como o fez com Berlim.

A Guerra das Coreias acabou por se tornar um tema de “extrema importância” para o governo americano. Com o fim da guerra, a implementação de um governo “livre”, economicamente próspero

e longe das influências comunistas era crucial para manter o imaginário e a legitimação tanto da própria guerra, mas do prestígio dado ao papel dos EUA no conflito.

Os EUA haviam estabelecido uma nação “livre” nas fronteiras da escravidão comunista. Se sucumbisse à subversão interna ou externa, se o estado do sul falhasse enquanto o do norte triunfasse, o modo de vida que os Estados Unidos defendiam seria questionado. Além disso, o fracasso em apoiar esse “bastião da liberdade” faria com que outras nações “duvidassem do compromisso dos EUA com seu papel global – sua credibilidade – [e] a queda dos dominós poderia atingir rapidamente um fim cataclísmico (LIEM, 2010, p. 76).

Por isso, o governo autoritário, ditatorial de Rhee Syug-man na Coreia do Sul foi fortemente apoiado pelos Estados Unidos – com uma doação anual de quase 1 bilhão de dólares (LIEM, 2010 p. 76) – a fim de manter o país dentro da sua zona de influência. Seu governo era extremamente autocrático, com pouco interesse em um “progresso econômico” propriamente dito (BRAZINSKY, 2007 p. 101). A sociedade civil coreana, em destaque os estudantes e os militares, ficaram descrentes com as políticas liberais promovidas pelos americanos, já que a Coreia do Norte teve uma recuperação econômica muito mais rápida, entretanto, como se observará a seguir, a influência americana, tanto estatal quanto através de fundações filantrópicas, acabou por mudar a posição dos setores críticos. Entretanto, as políticas de Rhee nem sempre estavam de acordo com os objetivos e meios dados pela potência.

Os americanos, portanto, toleraram (embora não sem reclamações constantes) a política de Rhee de Industrialização por Substituição de Importações (ISI), uma taxa de câmbio hwan-dólar artificialmente fixada e a cunhagem desenfreada de dinheiro, todas medidas absurdas pelos padrões desenvolvimentistas, até o final da década. Eles também foram forçados a aceitar a recusa de Rhee em gastar os dólares da ajuda americana em produtos industriais japoneses. Isso causou talvez a maior queixa de todos (LIEM, 2010, p. 77).

Posteriormente, o apoio econômico e político do Estado americano ao país começou a diminuir. Os avanços do programa de recuperação pós-guerra da Coreia do Norte, que acabou por se tornar muito mais bem sucedido em relação ao Sul, resultou na frustração do governo americano com a atuação de Rhee. O governante coreano não estava cumprindo com as ideias econômicas impostas pelos EUA e não havia esforços para sair da estagnação econômica em que a Coreia do Sul se situava, por isso, houve um corte financeiro para exercer uma pressão sobre o governo. A ajuda econômica enviada ao país passou de 382 milhões de dólares em 1957, para 321 milhões em 1958, para, enfim, 222 milhões em 1959 (BRAZINSKY, 2007, p. 105). Além do movimento contrário do governo coreano, havia uma discussão sobre o tamanho dos custos americanos deste apoio. O National Security Council Paper (NSC) 5702/2 de 1957 se comprometia a:

“[p]abilitando a República da Coreia a alcançar uma taxa máxima de desenvolvimento econômico compatível com um grau razoável de estabilidade e níveis atuais de consumo essencial.” Para conseguir isso, pediu ajuda econômica e técnica à Coreia para ajudá-la a “completar a reabilitação de sua economia”, “aumentar a agricultura economicamente sólida e diversificada e a produção industrial”, “desenvolver um número substancialmente maior de técnicos treinados pessoal profissional, administrativo e gerencial”, “usando a assistência externa e seus próprios recursos humanos e materiais de forma mais eficaz”, “adotando e implementando políticas econômicas e fiscais sólidas” e “desenvolvendo um senso de maior responsabilidade por seu próprio futuro econômico e uma menor dependência dos Estados Unidos”. Mantendo os objetivos integracionistas de longo prazo para a região, também afirmou a necessidade de “encorajar a República da Coreia a tomar as medidas necessárias para relações comerciais normais com outros países do Mundo Livre, particularmente o Japão. (NSC 5702/2, 1957 In.: LIEM. 2010, p.91)

O principal ponto de embate foi a expansão do comércio japonês através dos programas de “desenvolvimento” americanos na Ásia. O objetivo era de que o Japão se tornasse o fornecedor das nações asiáticas, tomando o papel do próprio Estados Unidos para prover assistência tecnológica e financeira aos países sobre a zona de influência (LIEM, 2010, p. 78). Com o passado colonial ainda presente na memória de Rhee, o governante rejeitou o projeto americano. Ainda, o melhor andamento do vizinho norte-coreano preocupava o governo americano, já que isso não só atrapalhava sua propaganda liberal, mas bem como poderia levantar insurgências no país, o que poderia resultar em uma invasão direta da União Soviética, para um possível alinhamento da sociedade civil com o modelo econômico norte-coreano, mais sucedido até então.

Os EUA esperavam induzir a Coreia do Sul a usar o dinheiro da ajuda para comprar produtos industriais do Japão. Mas Rhee não quis saber disso e proibiu as encomendas da UNKRA do Japão após a guerra, apesar do fato de o Japão perder os contratos de aquisição dos EUA que o tiraram da depressão durante a Guerra da Coreia. Ele reclamou em uma carta pessoal a Eisenhower que tal plano teria o “efeito imediato de mais uma vez colocar nossa economia à mercê dos japoneses”. Os americanos toleraram essa resistência e o restante das políticas econômicas de Rhee, porque o medo de uma perda para os comunistas e seu próprio prestígio exigia um estado estável na metade sul da península e porque eles viam poucas outras opções viáveis no território sul-coreano. cenário político (LIEM, 2010 p. 78 e 79).

Com o movimento crescente de indignação da sociedade coreana com a lenta recuperação econômica e seu autoritarismo, Rhee acabou sendo destituído. Em primeiro plano, os estudantes fizeram a Revolução de Abril, em 1960, que expulsou Rhee da presidência e o substituiu por um

governo liderado por membros da oposição do Partido Democrático. Com menos de 3 meses de governo, os militares lideraram outra revolução. Brazinsky afirma que essas duas revoluções tiveram origem na influência americana nos anos 1950 (BRAZINSKY, 2007, p. 101). Os Estados Unidos, inicialmente, não ficaram satisfeitos com o golpe aplicado pelos militares, entretanto, começaram a apoiar o governo de Park Chung Hee, entendendo que ele teria pulso para impor as mudanças econômicas necessárias. Após 2 anos de governo, Park instaurou um processo eleitoral, do qual foi vencedor e acabou se mantendo na presidência de 1961 a 1972. Nos anos 1960 e especialmente no governo Kennedy, há a ênfase na modernização coreana que se tornou extremamente influente e crucial para a imagem dos Estados Unidos, defendendo o porquê de os países subdesenvolvidos não alcançarem um progresso econômico e como efetivamente encontrá-lo.

Nesta pesquisa, não só há uma concordância com Brazinsky de que houve uma influência americana neste processo político, mas também se argumentará posteriormente que a Fundação Ford foi um dos principais atores na promoção de um certo tipo de conhecimento entre a sociedade científica na Coreia do Sul, o que resultou na instauração da crença na modernização e em uma modernidade (no sentido clássico, trazido pelos Estados Unidos, e na modernidade criada pelos coreanos) e foi crucial para reduzir a atração de ideias radicais e revolucionárias entre setores da oposição política coreana, ainda mais neste período frágil das instituições e políticas sulcoreanas.

A mudança necessária para o barateamento dos gastos americanos com o país foi um dos pontos principais do novo governo de Park: “O compromisso de Park com o desenvolvimento orientado para a exportação e a vontade de buscar a normalização das relações com o Japão” (LIEM, 2010, p. 93). A fim de garantir a normalização do comércio com o Japão, mas bem como para assegurar um desenvolvimento econômico da Coreia do Sul, nos moldes liberais, era necessário:

reformular o sistema cambial para desencorajar importações e estimular exportações (moeda desvalorizada), normalizar relações comerciais com o Japão, eliminar controles burocráticos excessivos, reformar a estrutura tributária (cobrar mais impostos), melhorar práticas comerciais, racionalizar tarifas de serviços públicos (aumentar preços), enfatizar o aumento de investimentos em vez de aumentar os níveis de consumo, aumentar a produção industrial, agrícola, pesqueira e marítima, melhorar o fornecimento de energia e transporte, criar obras públicas para diminuir o desemprego, promover o investimento privado nacional e estrangeiro e implementar treinamento e educação para melhorar a produtividade (LIEM, 2010, P. 94).

Os objetivos do governo americano, entretanto, vão além de guiar um programa de assistência baseados nos princípios da modernização. Com a NSC 5702/2, de 1957, pode observar que havia um esforço em mudar o próprio pensamento da população coreana, colocando como crucial a cooptação da sociedade civil em concordância com o novo governo.

Os EUA iriam “[p]rojetar aos líderes e ao povo coreano uma visão estável e confiável da sociedade cada vez mais democrática e progressista que eles podem desenvolver e do interesse dos Estados Unidos em promover esses objetivos coreanos” e “[p]romover uma compreensão dos ideais políticos, econômicos e culturais do Mundo Livre como base válida para a realização das aspirações materiais e espirituais do povo coreano, em contraste com os ilusórios sucessos materiais de curto prazo reivindicados pelos comunistas”. Também encorajaria os líderes da Coreia do Sul a “direcionar o crescente sentimento nacionalista coreano, especialmente entre estudantes, intelectuais e líderes trabalhistas, no apoio a programas de reforma e desenvolvimento, desencorajando assim tendências a ideologias totalitárias, marxismo ou neutralismo. (LIEM, 2010 p. 95).

A Guerra Fria ficou marcada tanto por modelos ideológicos, mas bem como era medida pela expansão dos regimes, o desenvolvimento econômico das nações sobre seu comando se tornou crítico para a política externa americana. Com três nações competindo por espaços no “Terceiro Mundo” – China, EUA e União Soviética –, a descolonização abriu uma janela de oportunidade para as potências demarcarem suas zonas de influência na Ásia, África, América Latina e Oriente Médio (LATHAM, 2003, p. 260).

A Guerra Fria, como explica um estudioso, foi impulsionada por “concepções fundamentalmente incompatíveis da organização da vida política, econômica e social... A guerra sendo medida pelo avanço ou recuo global dos tipos de regime em uma extensão que confundiria um realista ortodoxo”. A ideologia sozinha certamente não determinou totalmente as políticas das superpotências. Mas, como argumenta David Engerman, reconhecer sua importância pode nos fornecer uma melhor compreensão da maneira como os formuladores de políticas definiram e perseguiram uma ampla gama de interesses nacionais. (LATHAM, 2003, p. 261).

Com fins de expandir sua influência, os Estados Unidos beberam da Teoria da Modernização para fazer destas “novas ações” países aliados que legitimassem o seu regime, combatendo processos que pudessem ameaçar sua construção de hegemonia.

Eles [Estados Unidos] também temiam que o fracasso em combater tais desígnios com uma resposta convincente deles causaria imenso dano à credibilidade americana, encorajando agressores radicais, desanimando aliados e colocando em risco o consenso político doméstico necessário para apoiar o que John F. Kennedy famosamente chamada de “longa luta crepuscular (LATHAM, 2003, P. 261).

Do final da década de 1940 até meados de 1960, o enfoque foi dado para a construção da modernização, definida como uma transição fundamental dos mundos “tradicionais”, por meio de

ajuda externa, planejamento de desenvolvimento e assistência técnica, para acelerar a chegada a uma “era moderna” (LATHAM, 2003, p. 262).

Ao acelerar a grande transição, poderia fechar a estreita janela de oportunidade que os agressores comunistas procuravam explorar e produzir um mundo mais seguro, liberal e democrático de sociedades capitalistas prósperas. A administração Kennedy levou essas ideias a sério e proeminentes cientistas sociais assumiram papéis significativos na formulação de políticas dos EUA (LATHAM, 2003, P. 263).

Na Coreia do Sul não foi diferente. Com o fim da guerra e uma janela de oportunidade aberta, a teorias de modernização se tornou uma política central dos Estados Unidos na Coreia nos anos 1960 (LIEM, 2010, p. 84). O programa piloto chamado Development Loan Fund (DLF) buscava não só incluir os cientistas sociais na construção de um modelo liberal modernizado, mas que sinalizava “resolva mudar de doações em ajuda para empréstimos produtivos e deixar de apagar incêndios florestais para se concentrar no mundo em desenvolvimento.” (LIEM, 2010, p. 90).

Com o foco da política americana voltado ao desenvolvimento de um modernismo na Coreia do Sul (e no mundo), as fundações ficaram com o papel de se infiltrar na sociedade civil a fim de construir bases para o estabelecimento de um regime pautado na Teoria da Modernidade, dando foco aos intelectuais.

## **7. Atuação da Fundações na Coreia do Sul**

“Research, graduate teaching, undergraduate instruction, and elementary education in world regions will be desirable as far as one can see into the future.”<sup>2</sup>

A teoria da modernização entende que, todos os países iriam trilhar um caminho – o caminho trilhado pelos Estados europeus – para chegar ao “desenvolvimento”. Esse desenvolvimento será alcançado através de uma racionalidade econômica liberal, com mudanças não só nesse setor, mas bem como na cultura de produção, de consumo, das massas, na relação do trabalho, da tecnologia, nas relações internacionais, etc.

Naquele momento, os Estados Unidos se encontravam em uma defasagem de cientistas sociais, cruciais para a expansão desta modernização no “Terceiro Mundo”. Em 1943, o Committee

---

<sup>2</sup> Social Science Research Council, Committee on World Regions, World Regions in the Social Sciences; Report of a Committee of the Social Science Research Council (New York: Social Science Research Council, 1943), 1-2. In.: WALLERSTEIN, Immanuel. The Unintended Consequences of Cold War Area. In.: . The Cold War and the University. The New Press. Nova Iorque, 1977.

on World Regions of the Social Science Research Council (SSRC), destacou a urgência de formação destes cientistas voltadas a conhecimentos para além das potências.

A guerra atual concentrou a atenção como nunca antes no mundo inteiro. O interesse em regiões estrangeiras foi intensificado e uma atenção especial voltada para áreas sobre as quais sentimos pouca ou nenhuma preocupação.

A necessidade imediata de cientistas sociais que conheçam as diferentes regiões do mundo fica atrás apenas da demanda por oficiais militares e navais familiarizados com as zonas de combate reais e potenciais. Uma vez que poucas áreas ultramarinas atraíram pesquisas até agora, falta-nos o conhecimento regional agora necessário; e os currículos e métodos tradicionais de instrução deixaram inertes muitas das informações que possuímos. As viagens e o estudo individual complementaram o treinamento formal, mas não conseguiram corrigir a deficiência, e os imigrantes aprenderam mais conosco do que nós com eles. A conseqüente escassez de pessoal profissional e científico que combine conhecimento linguístico e regional com proficiência técnica dificulta seriamente todas as agências de guerra. A oferta de cientistas sociais familiarizados com áreas importantes é tão limitada que especialistas altamente treinados que possuem o conhecimento regional necessário agora ocupam posições-chave que fazem pouco ou nenhum uso de suas habilidades profissionais e exigem competência completa em um campo social bem diferente. (Social Science Research Council, 1943 In: WALLERSTEIN, 1977, p. 195).

Como será explicado detalhadamente a seguir, a Fundação Ford tomou um papel cabal neste processo, distribuindo diversas bolsas de estudos internas e externas para a construção de conhecimento no “Terceiro Mundo”, mas mais importante ainda para a pesquisa, na Ásia, já que, até então, as áreas de conhecimento eram voltadas aos estudos do Reino Unido, França, Alemanha, Itália e Estados Unidos, só analisando as sociedades orientais em âmbitos “tribais” e de “high civilizations” – China, Japão, Índia, Persia e o mundo árabe (WALLERSTEIN, 1977, p. 197 e 198).

No pós-guerra das Coreias, principalmente no fim dos anos 1950, havia uma insatisfação popular com o autoritarismo do governo Rhee, como dito acima. Havia vários questionamentos referentes ao autoritarismo do governo, além dos problemas econômicos já explicitados. Quando começa a se investir na disseminação da teoria da modernização, há uma mudança na agenda de debate, tanto dentro da comunidade civil, quando dentro da comunidade acadêmica. A partir daí, o foco sai das discussões sobre autoritarismo e passava para questões de desenvolvimento e modernidade, desafios da modernização da Coreia do Sul e estudos culturais (BRAZINSKY, 2003).

A modernização da Coreia do Sul estava alinhada com os interesses americanos. No momento, como já explicado, havia um antagonismo político entre dois modelos econômicos. Uma Coreia do Sul modernizada nos moldes liberais seria, não só mais uma região dentro do núcleo de influência

dos Estados Unidos, mas sim a inserção desta dentro do mercado internacional, podendo haver um aproveitamento econômico da região, e bem como ser uma propaganda americana dentro da Ásia, já que, neste momento, a influência da União Soviética era muito maior no continente. Além disso, tirava-se o foco do governo americano estar apoiando um governo autoritário, enquanto criticava tanto a União Soviética quanto países de Segundo Mundo que mantinham esse modelo.

Concomitantemente ao DLF, criado pelo governo americano e, mais importante os investimentos em pesquisa, as fundações atuaram como importantes atores dentro deste processo. Por meio de intercâmbios e centros de pesquisa, as fundações em conjunto com o Estado americano objetivavam criar uma elite coreana que, não só estivesse dentro de sua zona de influência, mas que estivesse alinhada com o projeto de modernização.

## **8. Asia Foundation na Coreia do Sul**

A Asia Foundation nasceu em 1951 como Committee for Free Asia (CFA), ou Comitê para uma Ásia Livre, foi concebida em Washington após a “perda” da China e a eclosão da Guerra da Coreia, quando o mundo voltou suas atenções ao continente asiático (KLEIN, 2017, p. 285). Seus relatórios financeiros e anuais não estão disponibilizados pela instituição, mas com seu relatório feito em comemoração aos 60 anos de parceria com a Coreia do Sul, pode-se ter um panorama do seu papel na construção de uma hegemonia americana e de redes transnacionais no país.

Mesmo tendo Ásia em seu nome, sua criação aconteceu bem longe do continente. Nascida no Estado da Califórnia, seus “trustees” não eram só estadunidenses, mas também seguiam o padrão típico da sociedade civil hegemônica, assim como a Ford.

Os Trustees fundadores eram um grupo de proeminentes líderes cívicos, empresariais e acadêmicos americanos que, a partir de seu conhecimento da Ásia, se convenceram de que uma fundação privada, baseada nos ideais de ajuda mútua e cooperação, poderia dar uma contribuição significativa para o desenvolvimento na Ásia e à amizade compreensiva asiático-americana (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 15).

Logo, a fundação não era só formada por grupos dominantes, mas hegemonicamente orientada, buscando a disseminação dos conceitos capitalistas estadunidenses em busca de mais zonas de influência, ou como a fundação chama, de países amigos.

Sancionada pelo National Security Council e fundada pela CIA, a fundação foi pensada para ser “a private instrumentality that would be privately governed and would have the freedom and flexibility to do things the government would like to see done but which it chose not to do or could not do directly as well.” (KLEIN, 2017, P. 286). Em primeiro plano, The Asia Foundation teve como alvo um programa chamado “Radio Free Asia”, que objetivava moldar a opinião pública em favor

das políticas da NSC 48. Entretanto, o programa acabou por desagradar as populações locais que afirmavam que era “a propaganda outfit directed at Asians” and that the CFA’s very name was alienating millions of postcolonial Asians who were “orgulhosos do fato de já serem livres” e que se ressentiam das tentativas ocidentais de lhes dizer o que pensar” (KLEIN, 2017, p. 286 e 287).

Em 1954, o CFA se relançou como Asia Foundation com a liderança de Robert Blum, ex diretor de staff do President’s Committee on International Information Activities (PCIIA), “um comitê que o presidente Dwight D. Eisenhower encarregou de produzir um relatório abrangente sobre o estado da guerra psicológica dos EUA na época” (GEDDES, 2020). Na condução do relatório, que “apresentou recomendações relativas não apenas à política de informação, mas também à condução de atividades econômicas e políticas relacionadas à segurança nacional e operações especiais” (GEDDES, 2020), Blum teve contato direto com a Central Intelligence Agency (CIA).

Durante sua liderança, Blum terminou o Radio Free Asia, colocou no conselho da fundação mais especialistas em Asia, trocou a forte retórica anti-comunista que a CFA apresentava até então para uma mais positiva e “sentimental”, que englobava mais o público oriental (KLEIN, 2017p. 287)

Blum enfatizou, por exemplo, a necessidade de americanos e asiáticos “simpaticizarem” com as aspirações uns dos outros e se verem como “iguais”. Ele também prometeu cultivar relações de “amizade genuína” entre os Estados Unidos e a Ásia. (KLEIN, 2017, p. 287)

A escolha dos representantes também é uma questão interessante a ser analisada, como foi na Fundação Ford. O primeiro programa fundado na Coreia do Sul foi um bolsa de doação de papel para a impressão de jornais. De acordo com a Fundação, o pedido foi feito por Dr. George Paik (Paik Nak-joon), o então Ministro da Educação. James Stewart foi definido como representante da ainda CFA, tendo sido amigo de Paik desde antes da guerra, quando o ministro era professor na Yonsei University e Stewart era diretor do United States Information Service em Seoul (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017p. 16).

Ou seja, além de serem conhecidos, o representante da fundação tinha ligação direta com o Estado americano, já demonstrando que, desde seu primeiro projeto em 1951, a AFK já era próxima e conveniente com as ideias hegemônicas estadunidenses, mais uma vez podendo ser observado o entranhamento entre as elites nacionais, as fundações filantrópicas e o governo estadunidense.

O relatório destaca também a atuação de Bob Shields e Noel Bush na elaboração e administração de programas até 1954. Ambos viajavam como “press corps”, escondendo a identidade da organização e levando “greenbacks” (dólares) para cobrir os custos do programa e da logística. A fundação justifica a atuação afirmando que a entrada no país era muito controlada devido a guerra e que o uso de “greenbacks” era feito pela instabilidade da moeda coreana (TONG-JAE; TAE-JIN;

REED, 2017, p. 16). Na prática, os membros da CFA estavam entrando clandestinamente no país e fundando seus programas de forma irregular. Aqui, pode-se observar que o financiamento desses programas estava mais alinhado com os interesses da fundação – e como será argumentado posteriormente dos Estados Unidos – do que do governo da Coreia do Sul, que nem tinha conhecimento do financiamento e da identidade destes atores. Ambos saíram da fundação para editorarem a revista Reader's Digest nos Estados Unidos, que inclusive fez uma edição sul coreana em 1978. Neste caso, com apenas três nomes da fundação já encontramos dois grandes setores importantes para a teoria de hegemonia gramsciana, o setor público (Estado) e a mídia.

Quem assume o cargo executivo em 1954 é Harold Noble, outro ex-membro do Estado, que havia trabalhado na embaixada americana em Soul, tendo intermediado negociações entre os EUA e a Coreia do Norte antes do início da guerra (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 17), sendo mais uma conexão política entre a fundação e o poder público. Noble aponta Philip Rowe para representar o Korea Office, que já havia trabalhado no United States Information Services, assim como Jim Stewart.

Com a maior atuação de fundações filantrópicas e ajuda internacional no país o Ministry of Health and Social Affairs (MOHSA) decide registrar essas “ajudas” e a Asia Foundation é considerada uma “relief agency” – uma organização que fornece ajuda para pessoas necessitadas, especialmente em áreas de desastre – o que acaba por legitimar o processo dentro do Estado coreano.

A primeira atuação da fundação na Coreia do Sul aconteceu logo em 1951, com a entrega de mil toneladas de papel jornal para a publicação de livros didáticos, sobre o comando de Stewart no escritório de Tokyo – o primeiro escritório na Coreia foi estabelecido em 1954 (KLEIN, 2017, p. 290).

Em setembro de 1956, a fundação inaugura o Korean Research Center, citado na pesquisa de Brazinsky, mesmo que o autor considere que sua criação aconteceu 1 ano antes. O investimento da fundação foi essencial para facilitar a pesquisa das ciências sociais na Coreia, particularmente os estudos de sociedade, cultura e história (BRAZISNKY 2007, p. 171). Mais importante ainda foi a manutenção aos volumes literários em inglês e os programas de intercâmbio.

Na década de 1960, a Asia Foundation doou dinheiro para manter a biblioteca do centro, que continha um grande número de volumes em inglês, e para pagar bolsas de pesquisa anuais concedidas a proeminentes estudiosos sul-coreanos. Entre os objetivos dessas bolsas estavam "fornecer materiais, experiência estrangeira e serviços para permitir que os estudiosos coreanos entendam a metodologia moderna de ciências sociais" e "desenvolver estudos de modernização, especialmente no que se refere à experiência coreana". Estudos realizados sob os auspícios do centro foram posteriormente publicados em forma de livro. (BRAZISNKY, 2007 p. 171)

Neste caso, pode-se observar o entranhamento dos interesses da Asia Foundation e da Fundação Ford na construção de um conhecimento específico sobre a Ásia, a fim de fornecer informações importantes para a Guerra Fria, e na expansão de ideias modernizadoras na Coreia do Sul – que, como apresentado anteriormente, foi crucial para a cooptação da sociedade civil e a inserção do país no comércio internacional.

A fundação, em seu documento divulgando comemorando os 60 anos de parceria com a Coreia do Sul, segue a linha de Brazinsky, destacando sua importância para a construção do conhecimento acadêmico no país. Com a assistência da Fundação, o KRC lançou o “Korean Studies Series”, que ofereceu bolsas de campo e publicou um manual intitulado de “Social Science Research” (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p.23). É interessante destacar que esse manual, de acordo com a própria fundação, continha a tradução de “monografias selecionadas” para a língua coreana, dando a entender que havia um filtro dado a qual conhecimento se tornaria acessível a comunidade sul-coreana.

Em 1958, mais uma vez o trabalho jornalístico se torna importante para a legitimação do trabalho das fundações – neste caso, a permanência da Asia Foundation na Coreia. John (Jack) James se tornou o terceiro representante do Korean Office em um momento crucial para a política coreana, que foi subseguido pela Revolução de Abril, em 1960. Jack era considerado um “herói” (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017) por ter sido uma figura jornalística importante durante a Guerra das Coreias, quando detinha o cargo de correspondente americano em Seul, tendo sua influência sido crucial para a manutenção dos programas e bolsas da fundação: “A popularidade de Jack e os aclamados programas e subsídios do Escritório da Coreia garantiram que, apesar da turbulência, a The Asia Foundation continuasse sendo um recurso valioso na Coreia” (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017). A decisão de trazer um herói de Guerra ao poder da fundação no período foi essencial para a manutenção de uma legitimação entre a sociedade civil coreana e suas elites, já que, de acordo com a própria Asia Foundation, ela apoiou uma série de medidas junto ao governo ditatorial de Park e um novo regime, liderado pela oposição estava para surgir.

O regime de General Park embarcou em uma série de atividades de planejamento para o desenvolvimento institucional e socioeconômico na primeira metade da década de 1960. A Asia Foundation cooperou com esses esforços de planejamento no interesse do povo coreano, prestando atenção especial à capacitação institucional, ao desenvolvimento legal e educacional e à criação de oportunidades para os coreanos por meio de programas de intercâmbio e treinamento no exterior. Os resultados para o desenvolvimento nacional foram notáveis (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, P.54).

Com o poder de definir o que é lido, partindo do que é traduzido, e mais ainda, com figuras importantes e renomadas dentro do seu corpo administrativo, a fundação destaca os planos

econômicos coreanos de expandir sua posição diplomática e econômica no mundo geraram uma necessidade de aprendizado da língua inglesa, ressaltando seu papel na contratação de professores de inglês para as universidades.

os ambiciosos planos do país de expandir seus laços diplomáticos e comerciais internacionais tornaram o desenvolvimento da proficiência em inglês entre a população em geral uma das necessidades mais prementes da Coreia.

A Asia Foundation respondeu a essa necessidade com o primeiro programa de ensino de inglês na Coreia, colocando professores de inglês em universidades selecionadas na Coreia. (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, P. 24).

No final da década de 1950, o escritório de Seul desembolsou cerca de US\$ 200.000 por ano para apoiar uma ampla gama de projetos (KLEIN, 2017, p. 292). Muito desses projetos tinham como objetivo o fortalecimento da cultura nacional da coreia, já que a Asia Foundation acreditava que “a existência espiritual e política da nação incipiente estava em jogo e que os projetos culturais poderiam fazer muito para afirmar uma identidade nacional sul-coreana emergente que foi implicitamente definida em oposição ao Norte” (KLEIN, 2017, p. 56).

A questão é que, como visto anteriormente, a pauta de uma expansão internacional coreana não nasceu na Coreia. Com o fim da guerra e os grandes gastos que o governo americano detinha para o controle econômico do país, era interessante essa expansão, inclusive da relação com outros países asiáticos, como o Japão, para que houvesse um alívio das contas públicas estadunidenses e, ainda sim, um desenvolvimento capitalista no país, pautado sempre nas ideias de modernidade.

### ***UNIÃO ESTUDANTIL – Revolução de Abril e Asian Foundation in Korea***

Em 19 de abril de 1960, os estudantes sul coreanos fazem a Revolução de Abril, que instaurou um governo democrático por 3 anos no país, antes de ser destituído pelo governo militar posterior.

A ligação entre os estudantes e a fundação estava clara desde o início de seus programas. De 1954 a 1959, a atuação da fundação se focava na educação primária, secundária e superior, na capacitação de coreanos em inglês, na reconstrução do projeto esportivo em faculdades e na tradução e disponibilização de textos estadunidenses para leitura – feita majoritariamente pelo Korean Research Center.

A fundação também deu um suporte para a bolsas de viagem para líderes selecionados de organizações estudantis coreanas, permitindo-lhes participar de conferências da International Student Association (ISA) no exterior (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 26), diretamente apoiando e ensinando o movimento estudantil revolucionário coreano a se organizar.

Essas doações visavam ajudar os representantes dos sindicatos estudantis coreanos a se conectarem com seus colegas de outras partes do mundo e familiarizá-los com os papéis e funções intrínsecos dos sindicatos estudantis. (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, P. 26).

O relatório destaca ainda a atuação de um dos bolsistas de seu programa Kim Dal-choong, que era um oficial executivo da Korean Federation of Student Unions e depois de formado, foi aos Estados Unidos fazer Ph.D na Fletcher School of Law and Diplomacy. A fundação o destaca como “um dos principais cientistas políticos do país” (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 27), tendo continuado a ser um “associado próximo” da fundação.

Ou seja, organizado socialmente dentro da Coreia do Sul, os programas filantrópicos oferecidos trazem o líder do movimento, Dr. Kim, para o polo hegemônico estadunidense. Enquanto antes ele lutava contra o governo de Rhee (e apoiado pelos Estados Unidos), agora ele se alia a elite intelectual estadunidense, mesmo que inconscientemente, tornando-se um ponto chave para o apoio estudantil e acadêmico da organização, mas principalmente, das ideias modernizadoras dela.

Conquistada a comunidade acadêmica, a Asian Foundation se foca também na mídia. A fundação apoiou o Sasanggye (World of Thought) Magazine, uma revista que tomou grande proporção das universidades.

Por vários anos, na década de 1960, foi considerado moda entre estudantes universitários e intelectuais carregar ou exibir exemplares da revista. Uma assinatura da revista representava um símbolo de status entre os pensadores da Coreia (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, P. 37).

A fundação, em suas próprias palavras, contribuiu para o crescimento “espetacular” do jornal e o desenvolvimento da indústria jornalística como um todo (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 37).

O sucesso de Sasanggye provou a outros editores em potencial que o periódico era um empreendimento comercial viável e lucrativo, como posteriormente confirmado pela proliferação de periódicos no país (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 37).

Mas meios jornalísticos, mesmo que tratados como imparciais, são fruto do pensamento político do editor e da sociedade civil. Dentre tantos outros veículos, é interessante a noção de que a fundação decidiu apoiar o veículo gerido por Chang Jun-há que, após virar uma celebridade no campo, se afirmou como opositor ao governo e se afiliou ao Partido Democrata.

O apoio da fundação também foi dado para a o programa “Freedom Writers”, que em resumo tratava das experiências ruins de refugiados norte coreanos, em um momento que a insatisfação com o modelo econômico adotado pela Coreia do Sul estava em xeque, já que na Coreia do Norte, a recuperação econômica se deu de forma mais rápida e agressiva. Aqui, os interesses americanos,

novamente, se entrelaçam com a ação das fundações; naquele período, era crucial que a Coreia do Sul se mante-se dentro da zona de influência americana para manter a legitimidade do modelo econômico dos Estados Unidos dentro do contexto de Guerra Fria. Com o regime norte-coreano avançando, era muito interessante a disseminação das experiências ruins dos refugiados, a fim de afastar os sul coreanos de ideais “comunistas”.

Neste caso, também pode-se observar o apoio da fundação aos setores citados como cruciais para grasmsci no estabelecimento de um projeto hegemônico. Com o Estado de Park já alinhado, a atenção dada à mídia e aos intelectuais pelas fundações filantrópicas estudadas cria um consenso da elite sul coreana com os ideais hegemônicos americanos no desenvolvimento de uma Coreia do Sul alinhada com a Teoria da Modernidade, a expansão do comércio e o liberalismo.

### ***Programas de Intercâmbio***

Os programas de intercâmbio se tornaram ferramentas essenciais para as fundações filantrópicas na Coreia do Sul. Os oficiais de política-cultural afirmavam que os programas tentavam ensinar princípios democráticos por meio deste, mas mais ainda, seu foco inicial era estabelecer elites que formassem laços estreitos com os Estados Unidos, e posteriormente se transformassem em líderes aliados, em um futuro pós Rhee (LIEM, 2010, p. 227).

Não só as Fundações Filantrópicas compartilhavam dos desejos de uma Coreia democrática e uma elite aliada, mas bem como o próprio governo federal americano detinha um programa institucional de intercambio, controlado pela United States Information Services-Korea, com o objetivo de ser uma “esforço discreto, que reconhece o direito da Coreia de escolher suas próprias instituições, [e promove] um desejo de estabilidade política com base em princípios e práticas de governo representativo” (USIS, 1955).

O modelo também objetivava “instaurar respeito sobre a liderança dos Estados Unidos, instituições, sistema econômico, intelectual e a vida cultural” (LIEM, 2010, p. 227) tornando-se um mecanismo chave para a cooptação da elite coreana, mas mais ainda, para a construção de uma democracia capitalista aliada, sem tirar a ideia de uma independência.

O programa de intercâmbio também “criaria confiança entre os coreanos na futura liberdade e independência coreana, promovendo a confiança dos coreanos em si mesmos e em suas próprias habilidades” e “maximizaria a autoajuda”. (LIEM, 2010, p. 228<sup>3</sup>)

Com essa aparente independência, foi possível a transferência de bolsas para estudos específicos que ajudariam o desenvolvimento de uma Coreia aos moldes americanos. Enquanto a

---

<sup>3</sup> Amembassy, Seoul to the Department of State, Washington, “Educational Exchange: Prospectus Call 1955-56,” 25 June 1954, RG 59, CDF, Box 2541, 511.95B3/6-2554, NA, 2, 1.

Fundação Ford não possui informações detalhadas sobre o assunto, a Asia Foundation destaca as grandes personalidades que passaram por seu programa de intercâmbio. Em meados de 1950, a fundação já focava no desenvolvimento de uma elite entranhada com os ideais americano. Lee Tai-hee, um promotor aposentado da Supreme Public Prosecutors Office, no Ministério da Justiça, recebeu uma bolsa para estudar o sistema judiciário americano em Nova York, por duas semanas. Mesmo em um período tão curto, o promotor voltou a Coréia como uma personalidade importante, escrevendo tanto para jornais de cunho legal quanto jornais diários, tendo sua escrita sobre méritos da assistência legal sido inspiração, de acordo com a própria fundação, para a popularização da assistência jurídica para mulheres.

Em seu retorno à Coreia, Lee escreveu relatórios detalhados sobre os méritos da assistência jurídica, que foram destacados por jornais locais e jornais jurídicos profissionais. É provável que seus relatórios tenham servido de fonte de inspiração para os esforços do Dr. Lee Tai-young para popularizar a assistência jurídica para mulheres com o Korea Legal Aid Center for Family Relations (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017).

Não somente, Tai-hee foi apontado para o cargo de promotor geral em 1960. A cooptação do promotor pela fundação promoveu não só uma influência jurídica na Coréia – com a criação do projeto de ajuda jurídica à mulher, mas bem como permeou a mídia e os meios jornalísticos de difusão de ideias. Junto a ele, Lee Min-Jae também recebeu uma bolsa em 1959 para atender a conferência internacional de botânica no Canadá, também tendo uma influência dentro da elite por ser o head da Korean Botanical Association. Anos depois, Min-Jae se tornou vice-ministro da Educação, presidente da Kangwon National University e liderou o Korean Central Council for Nature Preservation (KCCNP) – instituto que recebeu também auxílio da Asia Foundation para imprimir posters que incentivassem a conservação da natureza nas escolas.

Além do campo da educação, a fundação apresenta como uma exceção a bolsa dada para Lt. Sung estudar em Boston, com mensalidade paga e subsídio de subsistência. Mas não menos importante, Lt. Sung voltou a Coréia do Sul com um PhD em engenharia aeroespacial, se tornando o head da área no Korean Institute of Science and Technology (KIST) nos anos 1960, liderando em 1982 o Computer Systems Development Institute, dentro da instituição.

### ***Cultura como locomotora da modernização***

Enquanto alguns renegam o poder cultural para a formação de uma hegemonia, a Asia Foundation torna o setor prioridade em seu plano modernizador da Coréia.

Um aspecto importante da restauração de um país devastado pela guerra é o renascimento da cultura no cotidiano da

população em geral. Seja a cultura popular apresentada na tela do cinema e na música popular, seja a cultura nacional exposta em museus e galerias de arte, a expressão cultural de um povo vai longe na construção de um senso de identidade nacional, solidariedade e coesão. Em um nível mais palpável, celebrar a cultura traz uma sensação de diversão e prazer à vida das pessoas, algo que era muito necessário na Coreia dos anos 1950 (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 27).

Concomitantemente, a agenda cultural também já era pauta dentro das agências americanas. A CIA colocou a cultura como uma área central da Guerra Fria, e junto com a TAF, reconheceu que "que os meios de comunicação de massa eram ferramentas de importância vital para a disseminação de ideias e estabeleceram vários programas para garantir um suprimento constante de jornais, revistas e livros simpáticos aos objetivos dos Estados Unidos." (KLEIN, 2017, p. 288).

Para Blum, líder da The Asia Foundation, a cultura era o "real em que os Estados Unidos devem exercer o seu poder" chegando a destacar em um relatório de 1964 que era "um dos elementos que temos de influenciar para que as nossas políticas sejam eficazes." (KLEIN, 2017, p. 289). A proposta da fundação se focou em juntar os aspectos culturais tradicionais sul coreanos às estratégias de modernização e uma visão mais cosmopolita do mundo, integrando a comunidade sul coreana ao mundo ocidental ou ao "mundo livre", criando também uma visão de identidade nacional.

No pós-guerra, a criação desta identidade nacional era crucial para uma manutenção do apoio social as mudanças econômicas e culturais que o país estava impondo na época, se afastando do seu vizinho do norte que surgia como um 'contra-exemplo' de construção nacional pós colonial (KLEIN, 2017, p. 292), usando do pretexto de que havia uma necessidade de proteção dos valores culturais indígenas.

Assim, o plano da The Asia Foundation na Coreia procurava criar uma cultura aberta às ideias ocidentais, mas enraizada nas tradições indígenas e aos padrões democráticos, aprovando projetos "que promoveu a "compreensão coreana do mundo moderno, seus objetivos e suas ideologias", que encorajou "laços coreanos com o mundo livre" e que facilitou a "troca de experiências coreanas e de outros mundos livres". (KLEIN, 2017, p. 293).

Para os Estados Unidos, ainda era vital que a Coreia do Sul fosse vista como aliada dentro da comunidade internacional ocidental, ampliando seu comércio com outras nações e desonerando cada vez mais os EUA de obrigações econômicas com o país.

Uma parte integrante da visão cosmopolita da TAF envolvia tornar a cultura coreana mais visível no exterior. A Coreia não era considerada apenas como receptora e adaptadora de ideias

estrangeiras, mas também como contribuinte para a cultura mundial. (KLEIN, 2017, p. 295).

Assim o escritório de Seul delimitou o objetivo de fazer com que a Coreia aumentasse sua representação no exterior. O objetivo cultural, entretanto, detinha diversas implicações políticas, com a formação de laços com outras nações livres e ajudando a propaganda estadunidense internacional da vitória da guerra, em tempos que, como citado anteriormente, a Coreia do Norte estava apresentando uma recuperação econômica muito mais rápida, colocando em xeque a legitimação de uma economia liberal frente à ideais comunistas. Inclusive, havia uma visão dentro da fundação de que a cultura era uma atividade econômica, que cumpria uma tripla função: de alavancar a economia, aumentar a visibilidade no país no exterior e aproximar a sociedade ao meio cosmopolita e ideais modernizadores.

Já em 1952, a fundação estava desenvolvendo um programa cultural focado em artes liberais, que tinha a promessa de “encorajar o artista, aumentar seus ranks, unir as pessoas sob uma cultura indígena em desenvolvimento e vincular o progresso cultural à liberdade a democracia.” (KLEIN, 2017). Com isso, a fundação investiu em vários projetos de engajamento cultural, doando equipamentos para o National Museum, financiando a criação do a han’gŭl dictionary (coreano – inglês), criou o Social Science Research Center e sua biblioteca, reviveu a tradicional Mask Dance, que havia sido proibida pelos japoneses na época da colonização, entre outros (KLEIN, 2017, p. 292 e 293).

Dentre seus feitos culturais, o suporte a indústria cinematográfica tendo sido, até a década de 1960, o principal foco do programa (KLEIN, 2017). De 1954 a 1955, a The Asia Foundation conectou a indústria nacional à indústria asiática, através da Motion Picture Producers Association of Asia (FPA), o que acabou por dar aos cineastas sul coreanos acesso a novas tecnologias (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 27), mas também fortaleceu a presença internacional e os laços entre nações amigas regionalmente. Com isso, foram concedidas 3 bolsas de viagem para a participação do Asian Film Festival, patrocinado pela FPA em 1955, para “Kim Kwan-soo, presidente da Korean Motion Picture Producers Association; Yoon Bong-chun, presidente da Motion Picture Directors' Association; e Lee Sung-chul, chefe da Unidade de Cinema do Ministério da Cultura e Informação” (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 27). Em 1959, a fundação interrompeu o financiamento, acreditando que as relações entre a Coreia e a FPA estavam fortemente firmadas, viáveis e independentes (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017, p. 28), mas o investimento da indústria não parou por aí. A TAF alocou mais de US\$ 60.000 para criar um estúdio de cinema e laboratório recheado de equipamentos modernos importados de Hollywood (KLEIN, 2017, p. 294)

Em seu relatório, a The Asia Foundation afirma que o investimento em cinema foi feito porque esta era a forma de entretenimento favorita dos coreanos, cansados da guerra (TONG-JAE; TAE-JIN;

REED, 2017), mas mais ainda, o investimento na indústria cinematográfica conseguiu integrar a visão cosmopolita da TAF dando visibilidade ao país e sua cultura no exterior. Ainda, a TAF criou o Korean Motion Picture Cultural Association (KMPCA), que intermediava o financiamento das produções, administrando o estúdio e alugando equipamento para os produtores, principalmente através do estúdio Chǒngnǔng – que começou a operar em 1956 (KLEIN, 2017, p. 295). Os rendimentos destes aluguéis foram alocados em um fundo para o financiamento e atualização da indústria no país (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017).

A fundação ainda trouxe Jonathan Miller, um pequeno produtor de filmes de Hollywood para o país, entre 1955 e 1957 (TONG-JAE; TAE-JIN; REED, 2017). Considerado como um especialista de cinema americano, Miller teve um papel essencial para a fundação do KMPCA e mais ainda, na construção de uma indústria cinematográfica alinhada aos interesses americanos, modernizadores e cosmopolitas. Em 1965, a KMPCA foi dissolvida, mas seus feitos já haviam transformado a indústria cultural coreana e seu legado foi o Korean Motion Picture Academy, que herdou os ativos e fundos da associação.

A The Asian Foundation alcançou seu objetivo máximo, o KMPCA saiu da produção de 8 filmes, em 1954, para 108 em 1959, estimulou a exibição de filmes em festivais na ‘Ásia Livre’, na Europa Ocidental e nos EUA, incentivou e facilitou a inscrição e aprovação da Korean Motion Picture Producers Association na FPA, e permitiu o envio de grandes delegações ao Asian Film Festival, inclusive contratando um tradutor. O resultado foram a exibição de pelo menos nove filmes coreanos foram exibidos entre 1957 e 1960, com três prêmios vencedores (KLEIN, 2017), os quais demonstravam uma visão mais cosmopolita, mas ainda assim resgatando a tradição coreana.

Desta forma, o investimento da The Asian Foundation na indústria cinematográfica sul coreana, mesmo a princípio aparentando ser um investimento filantrópico independente, está diretamente alinhada com os interesses hegemônicos estadunidenses no país, criando um sentimento de nacionalismo que afastava Coréia do Sul do seu vizinho norte coreano ao construir uma cultura nacional própria, transformando a indústria nacional em um atividade lucrativa econômica, aproximando a sociedade sul coreana dos ideais modernizadores, cosmopolitas e liberais do ocidente e ainda, integrando a Coréia do Sul às comunidades internacionais, o que, traria o fortalecimento das relações comerciais e o entendimento do caso da guerra como uma ofensiva legítima e vitoriosa dos Estados Unidos.

## 9. CONCLUSÃO

O final da Segunda Guerra Mundial e o início do processo de colonização criaram uma janela de oportunidade para a demarcação de zonas de influências na nova ordem internacional que estava

se formando. A Europa estava obsoleta e Estados Unidos, China e União Soviética estavam lutando por espaços dentro da balança de poder mundial. Internamente, os Estados Unidos já possuíam uma hegemonia de ideias entre o Estado e sua sociedade civil, o que acabou por facilitar o processo de expansão internacional do seu projeto hegemônico. Dentro disso, as fundações filantrópicas de ação transnacional tiveram um papel crucial no estabelecimento de elites estrangeiras alinhadas com os interesses liberais e modernizadores estadunidenses.

Na Coreia do Sul, os investimentos das fundações acabaram por difundir os ideais da Teoria da Modernidade na academia, e posteriormente em toda a sociedade civil americana, tanto pela cooptação de grandes personalidades da elite que vieram a ocupar cargos estatais importantes, quanto na cooptação da mídia, que espalhava a modernização e contia ideais radicais com uma propaganda anticomunista.

Não somente, pode-se observar através dos estudos o entranhamento entre as fundações filantrópicas, a sociedade civil americana, as instituições internacionais e o Estado, que se retroalimentam na expansão de um projeto hegemônico estadunidense, construindo um conhecimento científico que formaram, na Coreia do Sul, uma sociedade civil e um governo alinhado com os interesses americanos.

A influência da comunidade científica e estudantil, como na Revolução de 1960 e na produção acadêmica da ARC e da mídia, afastaram as críticas do governo autoritário e de ideais revolucionários, voltando suas atenções à construção de uma recuperação econômica liberal, que beneficiava não só os Estados Unidos, fazendo com que este ganhasse legitimidade dentro do sistema internacional e diminuísse seus custos com ajuda humanitária, mas bem como com o capital privado americano que encontrou na Coreia do Sul uma nova rede de consumidores. Além disso, a atuação da The Asia Foundation na indústria cinematográfica proporcionou a valorização de uma cultura sul coreana, alinhada aos interesses modernizadores e distantes do seu vizinho do Norte.

A atuação das fundações também permitiu que os Estados Unidos adquirissem conhecimento sobre o “Terceiro Mundo”, quando havia uma defasagem de estudos sociológicos voltados à Ásia e à América Latina – áreas que se tornaram cruciais no desenvolvimento da Guerra Fria. O financiamento de estudos em universidades americanas juntamente a tradução da produção local deram à potência os conhecimentos necessários para concretizar seu projeto de expansão hegemônica em todo globo.

Assim, pode-se fixar o papel das fundações filantrópicas dentro da expansão estadunidense no globo, bem com a atuação da sociedade civil, que é representada não só pelas fundações, mas bem como por seus membros. Na Coreia do Sul, coube a Fundação Ford e a Asia Foundation o papel crucial de cooptação da elite a fim de impactar a construção do conhecimento científico em prol da

expansão da Teoria da Modernidade do país, garantindo os interesses do capital privado e do governo em um período crucial para a legitimação do poder e da influência dos Estados Unidos no globo.

## REFERÊNCIAS

- AUGELLI, Enrico; MURPHY, Craig. Gramsci and international relations: a general perspective with examples from recent US policy toward the Third World In: GILL, S. (ed.) *Gramsci, historical materialism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.
- BRAZINSKY, Gregg. Koreanizing Modernization: Modernization Theory and South Korean Intellectuals Gregg Andrew Brazinsky. In: *Staging growth: modernization, development, and the global Cold War*. University of Massachusetts Press, 2003.
- BRAZINSKY, Gregg. *Nation Building in South Korea: Koreans, Americans and the making of democracy*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 2007.
- CHAVES, Wanderson. A Fundação Ford e o Departamento de Estado Norte-Americano: a montagem de um modelo de operações no pós-guerra. In: *A Questão Negra: a Fundação Ford e a Guerra Fria (1950-1970)*. Curitiba: Editora Appris, 2019, pp. 27-66.
- CHOMSKY, Noam. *The Cold War and the University*. The New Press. Nova Iorque, 1977.
- COX, Robert. Gramsci, hegemony, and international relations: an essay in method. In: GILL, S. (ed.) *Gramsci, historical materialism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, pp. 49-66.
- ESCOBAR, A. “La problematización de la pobreza: la fábula de los tres mundos y el desarrollo”. In: “La invención del Tercer Mundo: construcción y desconstrucción del desarrollo”. Caracas: Fundación Editorial El Perro y La Rana, 2007.
- FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição. *Cooperação Científica Internacional: Estilos de Atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford*. *Revista Dados*, 2006, Vol. 49 nº 1.
- HANHIMAKI, Jussi M. Détente in Europe, 1962–1975. In: LEFFER e WESTAD. *History of Cold War*, Vol.2. Cambridge Press, 2010.
- HOLMES, Jacquelyn Marie. *From Modernization and Development to Neoliberal Democracy: A History of the Ford Foundation in Latin America 1959-2000*. Honors Theses. 75. 2013.
- LATHAM, Michael. Modernization, International History, and the Cold War World. . In: *Staging growth: modernization, development, and the global Cold War*. University of Massachusetts Press, 2003
- LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. Cultural Policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. New York University. Nova Iorque. 2010.
- PARMAR, Inderjeet. *Foundations of the American Century: the Ford, Carnegie & Rockefeller Foundations in the rise of American power*. New York: Columbia University Press, 2012
- SOBRAL, Karine; RIBEIRO, Kelly. *A concepção de hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. GPOSSHE On-line, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2020.

TONG-JAE, Cho; TAE-JIN, Park; REED, Edward. *A Partner for Change: Six Decades of The Asia Foundation in Korea*. The Asia Foundation. 2017

USIS. *Semi-Annual USIS Report, January 1 – June 30, 1955*. 1955

WALLERSTEIN, Immanuel. The Unintended Consequences of Cold War Area. In.: . *The Cold War and the University*. The New Press. Nova Iorque, 1977.

KLEIN, Christina. *Cold War Cosmopolitanism: The Asia Foundation and 1950s Korean Cinema*. *Journal of Korean Studies*. Setembro 2017; 281–316. doi: <https://doi.org/10.1215/21581665-4226460>

GEDDES, Clara. Portrait of a Psychological Warrior: The Challenges Facing Robert Blum and the Asia Foundation in Establishing a U.S. Public Diplomacy Program. *The Yale Review of International Studies*. University of Toronto, 2022